

Cultura, diversidade e Estado no Brasil



Senador Renan Calheiros

A unidade nacional foi garantida, em nosso País, pelas políticas de estabilização de fronteiras e de concessão de poderes às Províncias, ambas privilegiadas no decurso do período imperial.

Mesmo nas fases finais do Brasil-Colônia, nem sempre as unidades administrativas em que se dividia o território brasileiro reportaram-se ao Governo-Geral; muitas delas respondiam diretamente à cabeça do Reino, em Lisboa. De uma certa forma, esse quadro corrobora a tese de que, antes de haver um, houve vários Brasis e a de que, em nossa história, o Estado veio antes da própria Nação.

É claro que a riqueza e a variedade de manifestações que caracterizam a nossa cultura se originam do amplo leque de fontes étnicas e culturais nas quais bebeu. É espantoso, entretanto, que um mosaico tão diversificado possa ter evoluído para a unidade do que chamamos, hoje, de cultura brasileira, verdadeiramente uma unidade na diversidade.

O Estado soube respeitar essa diversidade e prover, com a paulatina evolução dos mecanismos de represen-

tação política, no Império e no decorrer das várias fases republicanas, ambiente propício à construção de nossa identidade nacional. Ela foi profundamente enraizada na diversidade das culturas regionais o que trouxe vitalidade e energia, duas das principais matérias-primas para a construção de nossa auto-imagem como Povo, como Sociedade e como Nação.

Tornamos força o que, para outros povos, foi fraqueza; com todos os problemas e contradições apresentados por nosso processo de desenvolvimento socioeconômico, somos um país marcado pela diversidade cultural.

É assim que nos vemos, e esse é, seguramente, o elemento-chave de nossa identidade nacional. No folclore, na música, nos sotaques e nos falares regionais, na comida, na bebida, na arquitetura, nas crenças e nos valores: uma herança formidável.

Entre os fatores gerais de desenvolvimento social que poderíamos enumerar, certamente se contam a preservação, a fruição e o desenvolvimento dessa herança, seja comemorando a sua pujança, seja promovendo o diálogo e a abertura às outras culturas e aos novos tempos, sem

medo de incorporar o outro e o novo, num rico diálogo entre identidade e alteridade.

E temos, de fato, muito a mostrar, seja a nós mesmos, seja a outras sociedades.

Muitas manifestações culturais brasileiras são exemplos rematados de atratividade na área do turismo, tais como o carnaval, no Rio de Janeiro e no litoral do Nordeste, e o São João, na área do sertão nordestino, principalmente.

A música popular brasileira, por sua vez, completa meio século de grande influência no panorama musical mundial, influenciando e modelando tendências mesmo em mercados experientes e maduros.

O artesanato regional, cada vez mais qualificado, vem ganhando, mais recentemente, os mercados internacionais, gerando oportunidades de ocupação e empregos junto às

comunidades mais carentes, justamente lá, onde eles são mais necessários.

A arquitetura brasileira – na trilha aberta pelo grande Oscar Niemeyer – recebe importantes encomendas do estrangeiro e leva aos quatro cantos do mundo o sabor tropical de nossa criatividade artística e inventividade técnica.

O mesmo ocorre com a indústria do cinema, com a da moda, com o *design* industrial e com a elaboração de sistemas informatizados.

Os efeitos, é claro, vão muito além do meramente econômico, uma vez que é a dinâmica da produção e da inovação cultural que vai, paulatinamente, elaborar a nossa identidade nacional brasileira: a maneira como nos apresentamos a nós mesmos e aos demais cidadãos do mundo, com nossa face própria e absolutamente peculiar.



É espantoso, entretanto, que um mosaico tão diversificado possa ter evoluído para a unidade do que chamamos, hoje, de cultura brasileira, verdadeiramente uma unidade na diversidade.





Ajudar a preservar a nossa herança cultural, por um lado, e a renovar seu impacto histórico, na construção da auto-imagem brasileira, por outro, é dever a que nenhuma instituição pública pode se furtar.

Nesse contexto de fenômenos altamente complexos, não cabe ao Estado, evidentemente, pautar, intervir ou empreender a produção da cultura. Mas cabe a ele, sem sombra de dúvida, o papel de estimular as precondições para que isso ocorra, respeitados, é claro, os desígnios e o ritmo que são próprios à sociedade brasileira, sendo ela a origem e o destino final de todo o processo cultural. Políticas públicas específicas podem e devem ser empreendidas e aprimoradas, não cabendo ver ou pretender ver, em tal iniciativa, um viés de tutela das artes ou da cultura, mas a necessidade de tratar o tema como um aspecto relevante do desenvolvimento social, econômico e da identidade nacional.

É, pra mim, um motivo de orgulho o papel que o Senado Federal vem desempenhando nessa área, seja propondo ou apoiando iniciativas legislativas correlatas. Além disso, a Casa vem promovendo mostras, exposições e publicações de obras de interesse do público, entre outras ações de promoção cultural, que traduzem toda a riqueza da criatividade de nosso povo. Ajudar a preservar a nossa herança cultural, por um lado, e a renovar seu impacto histórico, na construção da auto-imagem

brasileira, por outro, é dever a que nenhuma instituição pública pode se furtar.

Em suma, o Senado Federal, a Casa da representação federativa, tem colaborado significativamente para que a diversidade cultural brasileira não fique relegada a um plano secundário. As ações do Senado em prol da cultura nacional constituem um desdobramento orgânico da representação política, com inegáveis benefícios econômicos, para a geração de renda e a criação de novos postos de trabalho.



Renan Calheiros,
senador por Alagoas,
é Presidente do
Senado Federal